UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MATEUS ADRIANO BATISTA

A Guerra do Vietnã no cinema: imaginários e representações nas obras "Platoon" e "Nascido em 4 de julho", de Oliver Stone.

PONTA GROSSA
2018

MATEUS ADRIANO BATISTA

A Guerra do Vietnã no cinema: imaginários e representações nas obras "Platoon" e "Nascido em 4 de julho", de Oliver Stone.

Trabalho de coclusão de curso apresentado(a) para obtenção do título de bacharel em história na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Marco Antonio Stancik.

PONTA GROSSA

2018

TERMO DE RESPONSABILIDADE
DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO COM A ORIGINALIDADE CIENTÍFICO-INTELECTUAL

Responsabilizo-me pela redação do trabalho de Projeto de Pesquisa, sob título **A Guerra do Vietnã no cinema: imaginários e representações nas obras "Platoon" e "Nascido em 4 de julho", de Oliver Stone**, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas e está identificada a fonte e a página de que foram extraídas (se transcrito literalmente) ou somente indicadas fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões ABNT vigentes.

Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 07 de novembro, de 2018.

_____

Nome do aluno/Assinatura

Número R.A.: 14154490

MATEUS ADRIANO BATISTA

A Guerra do Vietnã no cinema: imaginários e representações nas obras "Platoon" e "Nascido em 4 de julho", de Oliver Stone

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção de título de Bacharela em História, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Ponta Grossa, 07 de novembro de 2018.

COMISSÃO AVALIADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Stancik – Orientador
Doutor em História
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dra.. Janaína de Paula do Espírito Santo
Doutora em História
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Me. Maytê Regina Vieira
Me. em História
Universidade Federal do Paraná

Resumo

O presente artigo tem como proposta central problematizar elementos representativos a respeito da guerra do Vietnã nas películas “Platoon” e “Nascido em 4 de julho”. Os elementos tratados consistem em abordagens como: disputas raciais e de classes que ocorrem na guerra, a construção do ambiente do Vietnã, a construção da figura do inimigo, a negligência do Estado em relação aos veteranos de guerra e principalmente a desconstrução do espírito patriótico, uma vez que, esfacelando-se a romantização do intervencionismo estadunidense surge a crítica ao conflito por parte dos personagens principais das películas. Ademais, este artigo tratou como o título de cineasta/historiador pode ser atribuído ao diretor Oliver Stone, bem como a problematização de tal rótulo. Para isso, utilizou-se como referência o livro “A história nos filmes, os filmes na história”, de Robert Rosenstone.

Palavras chave: Cinema, representação, Vietnã.

Abstract

The main goal of this work is to problematize some representative elements about Vietnam War presents in the movies/films "Platoon" and "Born on July 4", through discourse analysis. These elements consist in the shattering of the romantic feeling concerning the war to a lack of sense of it, racial and class disputes during the war, the construction of the Vietnam environment, the construction of the enemy figure, among other issues. Besides, this article deals with how the title filmmaker/historian can be attributed to Oliver Stone and how the historiography problematizes this a label. For that, Robert Rosenstone's book "History in the Movies, the Movies in History" was used as a reference.

Keywords: Cinema, representations, Vietnam.

Introdução

A película “Platoon” de 1986, do diretor estadunidense Oliver Stone, conta a trajetória do jovem Chris Taylor (interpretado por Charlie Sheen) que troca sua vida de universitário para servir como recruta no Vietnã, se deparando com as atrocidades da guerra. O jovem soldado tem contato com os sargentos Barnes (Tom Berenger) e Elias Grodin (Willem Dafoe), o primeiro se mostra um assassino brutal, e o segundo um pacifista centrado e sensível. Chris então passa de um indivíduo convicto da necessidade de servir seu país a alguém tomado por dúvidas a respeito das contradições do conflito.

O filme “Nascido em 4 de julho”[1] de 1989, também de Oliver Stone, é o segundo da trilogia de filmes que o mesmo faz sobre o Vietnã[2]. A película conta a trajetória de Ron Kovic[3] (interpretado por Tom Cruise), um rapaz patriótico que deixa a vida promissora para ir lutar no Vietnã. Na guerra ele é ferido, ficando paraplégico. Ao voltar para os Estados Unidos, e depois de diversos acontecimentos, Kovic decide se juntar a outros veteranos de guerra para lutar pelo fim do conflito no Vietnã, colocando em questão o papel intervencionista dos Estados Unidos.

Apenas dois anos separam os lançamentos nos Estados Unidos, “Platoon” foi lançado em 19 de dezembro de 1986 e “Nascido em 4 de julho” em 20 de dezembro de 1989. Oliver Stone se mostra um contestador não só da guerra, mas também de diversos episódios da história recente dos Estados Unidos.

É vasto o catálogo de filmes que tem a guerra do Vietnã como pano de fundo de seus enredos. A escolha para análise desses filmes se dá então pelo fato de entender que os mesmos apresentam uma gama de elementos que podem ser problematizados dentro da discussão histórica. Compreende-se também que as contestações feitas por Stone transformam as películas em questionadoras ao papel intervencionista dos Estados Unidos, se diferenciando de uma grande massa de filmes que adotam o tom apologético. Os filmes da franquia “Braddock” (1984) são exemplos disso. Estrelado pelo astro Chuck Norris, as películas trazem a heroicização do soldado estadunidense em detrimento do inimigo que é visto como o pior dos vilões.

---

[1] Data de comemoração do dia da independência.
[2] O filme “Entre o céu e a terra” de 1993 (com Tommy Lee Jones no papel principal) fecha a trilogia do Vietnã de Stone.
[3] O filme é baseado no livro de memórias de mesmo nome de Ron Kovic.

O cinema se apresenta ainda como um campo espinhoso ao historiador, as questões técnicas que são próprias de sua mídia também se fazem complexas a compreensão (NAPOLITANO, 2003). Desse modo então tomamos a questão cineasta/historiador como o principal caminho para se analisarmos os filmes, seguindo assim o historiador Robert Rosenstone (ROSENSTONE, 2015). A análise de discurso também auxilia como método para que se possam observar os elementos de representação. As questões técnicas passam a ser observadas na medida do possível, para que ajudem na compreensão desse discurso (XAVIER, 2005).

1. O cinema como fonte

Apesar de alguns historiadores já terem falado em usar filmes como aparato da discussão histórica anteriormente, é com o historiador francês Marc Ferro na década de 1970 que os estudos de cinema avançam na Europa. CHAGAS (2012) em seu artigo Cinema e Historiografia diz assim:

> É sabido que a incorporação do cinema como objeto da história foi realizada decisivamente a partir da abertura temático-metodológico da nova história francesa a partir da década de 1970. A obra pioneira (Cinema e História) de Marc Ferro desempenhou, nesse momento, um papel fundamental, quando um artefato, o filme, foi tirado de seu lugar funcional e transformado, pela "operação histórica", em objeto-fonte da disciplina histórica (CHAGAS, 2012, p. 152).

Compreendemos então que anteriormente os filmes eram vistos de forma um tanto quanto superficial pelos historiadores, somente como um contraponto da história escrita, Ferro dá então sentido ao filme considerando que aquela mídia é uma fonte mais abrangente, podendo ser vista como uma contra-análise da sociedade (KORNIS, 1992).

Nesse sentido Ferro afirma:

> Partir da imagem, das imagens. Não procurar somente nelas exemplificações, confirmação ou desmentido de um outro saber, aquele da tradição escrita. Considerar as imagens tais como são, com a possibilidade de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Assim o método que lembraria o de Febvre, o de Francastel, de Goldmann, desses historiadores da Nova História, da qual se definiu a vocação. Eles reconduziram a seu legitimo lugar as fontes de origem popular, escritas de início, depois não escritas: folclore, artes e tradições populares etc. Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto a História quanto a História (FERRO 1995, p. 203).

Para Ferro (1992), os filmes servem de importante fonte ao historiador, porque representam anseios de uma sociedade por meio das imagens postas, as mesmas contêm em suas entrelinhas os pensamentos do cineasta que a criou e também as visões sociais do mesmo. Portanto os cineastas são sujeitos históricos, deixando transparecer suas ideias do tempo em que estão inseridos (podemos observar isso claramente nos filmes sobre a guerra do Vietnã produzidos por Stone, onde suas experiências pessoais interferiram diretamente na criação de sua obra). Ferro também nos diz que: "desde que o cinema se tornou uma arte, seus pioneiros

passaram a intervir na história com filmes, documentários ou de ficção, que, desde sua origem, sob a aparência de representação, doutrinam e glorificam" (1992, p. 13).

Após Ferro outro importante historiador é o também francês Pierre Sorlin. Ele vem principalmente como divergente da ideia de Siegfried Kracauer na obra De Caligari a Hitler de 1947, onde o mesmo pregava uma sociologia da sociedade quando mostrava o cinema alemão anterior a Hitler como um presságio da chegada do partido nacional socialista ao poder. Para Sorlin

> (...) o filme não pode ser lido como reflexo de um sistema social predeterminado, seja este teorizado psicologicamente, como o faz Kracauer, seja por um sociologismo como faziam alguns frankfurtianos. O filme deveria ser lido segundo sua lógica interna, não apenas como reflexo ou a partir do contexto (CHAGAS, p. 156, 2012).

Nesse sentido Sorlin também discorda de Ferro, porque propõe o estudo da semiótica como principal método de se analisar os filmes, entendendo que ele deve ser visto dentro da sua própria mídia e não como representante direto da sociedade. Sorlin (1996) também afirma que somente os documentários servem de analise ao historiador, e não os filmes de ficção que são histórias inventadas. Mas apesar das discordâncias entre eles,

> (...) as propostas de Marc Ferro e Pierre Sorlin convergiam na centralização do filme como objeto central de uma dupla preocupação: película como documento ou como representação da história. Os historiadores que se dedicaram ao objeto cinema, da década de 1970 em diante, tiveram esses campos de trabalho definidos, e, na maioria das vezes, mantiveram-se (com exceções) distantes da análise fílmica rigorosa dos estudos de cinema e da história do cinema, fortalecendo a marcação do "território" inaugural do historiador. (...) Enquanto Ferro tentou domesticá-la pela crítica histórica tradicional, Sorlin tentou fazê-lo via semiótica (CHAGAS, pp. 156-157, 2012).

Guardada a devida importância que os dois possuem dentro da historiografia sobre o cinema, o principal problema que se apresenta é de que Ferro tentava mostrar a importância do filme para a história sem o reconhecimento da semiótica cinematográfica, enquanto Sorlin dava enfoque quase que restrito nessa semiótica. Portanto tanto um como o outro não conseguiram o avanço completo na discussão. Outro fator que se apresenta é o de que os outros historiadores[4] tentam por meio de

[4] Nesse sentido, Robert Rosenstone tece algumas críticas a historiadora estadunidense Natalie Davis. Ele diz que a mesma tenta fazer com que os filmes sejam meios de se contar a história, assim como a história escrita. Ele ainda cita o exemplo do filme "Joana d'Arc" de 1948 do diretor Victor Fleming. Para Natalie Davies o filme apresenta uma Joana semelhante a uma "adolescente assustada". Rosenstone então nos diz que não poderíamos comprovar o fato dela aparecer uma adolescente assustada ou não (ROSENSTONE, 2015). Sendo assim os filmes apresentam uma história particular, que é diferente da história escrita.

suas análises, encaixar os filmes com uma história escrita, sem realmente enxergar que o cinema é uma mídia própria e que tem especificidades também particulares. Outra questão que se faz presente, e que pode ser citada é o fato de que mesmo documentários são filmes de ficção, pois apesar de retratarem fatos históricos, estes também são construídos, recortados, editados, portanto, não são uma "fonte pura" da História.

Nesse sentido então outro autor que se faz importante para a historiografia, e principalmente nesse trabalho, que surge muito posteriormente aos precursores é o canadense Robert Rosenstone (2010) e sua obra "A história nos filmes, os filmes na história". Aqui ele ressalta a relação entre o cinema e a história, mostrando como essa se apropria das representações cinematográficas. Além de mostrar a importância dos filmes como objeto para a história porque os mesmos estão tomados de peculiaridades para o historiador, Rosenstone também reflete sobre os filmes ficcionais que tratam de temáticas históricas e como esses são importantes pelas reflexões que nos levam. Para ele os filmes apresentam uma chamada "história séria", semelhante até mesmo com aquela apresentada pelos historiadores. O objeto dele se faz na direção de levar o campo historiográfico para uma melhor percepção das peculiaridades do cinema, na tentativa de que com essa percepção se construa melhor as análises da história em relação ao mesmo e que se reconheça que os filmes também produzem história. Rosenstone então diz:

> Meu objetivo aqui não é apenas fazer com que você veja os paralelos, mas também mostrar como o mundo extinto pode ser, e tem sido representado nos filmes para convencê-lo de que vale a pena ver com atenção o mundo da história na tela, um mundo que pode representar um passado importante, fazer um tipo de história que é suficientemente complexa para que tenhamos de aprender a interpretá-la. A tarefa deste livro será apenas esta – começar a aprender como interpretar e entender esse (relativamente) novo mundo visual do passado (ROSENSTONE, 2015, pp. 14-15).

Rosenstone também defende em sua obra os filmes históricos, e que os filmes hoje se constroem como principal meio de transmissão da história para a sociedade[5]. Sendo assim, sua importância na construção do passado, como aqui se analisam nos filmes a respeito da guerra do Vietnã, torna essa referência de suma importância. A respeito disso ele afirma:

> Como tentei mostrar aqui, os filmes podem apresentar uma visão complicada e importante do passado, uma visão que representa a história

[5] A esse respeito MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma "história visual". Rev. Brasileira de História, v.23, n.45, São Paulo, ANPUH, pp. 11-36, 2003.

> de uma maneira que requer muita atenção, especialmente porque muito do que aprendemos a respeito do passado nos é transmitido hoje em dia por essa mídia e esse gênero, em telas grandes e pequenas. O que estou visando é estabelecer uma maneira muito mais sutil e ampla de ver o filme histórico dramático, analisando essas obras não apenas em termos da possível verificação de todos os seus momentos individuais, mas sobretudo a partir do que a sua representação ou visão geral pode ter a dizer de significativo e importante em relação ao nosso passado" (ROSENSTONE, 2015, pp. 78-79).

A guerra do Vietnã então se constituiu como um tema que obteve grande número de filmes dentro do cinema hollywoodiano chamados por Rosenstone de "drama histórico"[6]. Nesse sentido então o objetivo é ressaltar por meio da representação essas abordagens que constroem um passado. Apesar disso, temos que tem sempre em mente que essas películas abordam temas históricos como uma representação do real, jamais o real em si. Entendemos então que essas representações jamais se fazem de forma total, muito pelo contrário, são construídas pelo cineasta criador, que é um homem de seu tempo. Cabe então a problematização devida das películas, ainda mais por se tratar de cinema que envolve uma série de mecanismos na distribuição de suas ideias que podem servir de armadilha ao historiador.

2. Oliver Stone e o cineasta/historiador.

O diretor Oliver Stone que nasceu em 15 de setembro de 1946 em Nova Iorque nos EUA, realizou ao longo de sua carreira de cineasta filmes que tratam de temas históricos, estabelecendo por meio deles críticas às políticas governamentais dos Estados Unidos, fazendo-se transformar em uma espécie de cineasta/historiador. Esse termo gera importantes discussões no âmbito da historiografia. Por que afinal um diretor de cinema pode se considerar um historiador?

Robert Rosenstone no já citado "A história nos filmes, os filmes na história" dedicou um capítulo para a questão cineasta/historiador, tratando especificamente de Oliver Stone e seus filmes, porque para ele:

[6] Rosenstone classifica em duas categorias os filmes históricos: o drama comercial e o drama inovador. O drama comercial são obras hollywoodianas que tem uma grande influência no pensamento histórico da população em geral, geralmente indo em direção de apelos dramáticos. Já os chamados "inovadores" são obras raramente (ou nunca) produzidas nos Estados Unidos, indo em direção contrária aos preceitos hollywoodianos de se conceber os filmes.

> Nenhum cineasta americano nos últimos cinquenta anos esteve mais obcecado por questões históricas ou gerou mais polêmica pública do que o diretor Oliver Stone. E é exatamente por lidar com a história que seus filmes foram tão polêmicos (ROSENSTONE, 2015, p. 166).

O fato de Oliver Stone trabalhar com filmes históricos gerou incômodo em vários críticos, porque para eles Stone estava deturpando os fatos com suas dramatizações. Mas para Rosenstone que ao longo do seu livro concentrou a ideia dos filmes fazerem história tal qual é a história escrita, mostra que sim, Stone se encaixa como historiador, mesmo que o próprio negue essa titulação (2015, pp. 167-168).

Rosenstone problematiza essa questão dizendo: “Minha preferência pessoal é manter a palavra “historiador” e defini-la como alguém que dedica uma parte significativa da sua carreira a criar significado (em qualquer mídia) a partir do passado. Obviamente, a representação da história na tela requer convenções diferentes das que tradicionalmente usamos. A história em filme está muito ligada à emoção, é uma tentativa de nos fazer sentir que estamos aprendendo algo do passado vivenciando indiretamente os seus momentos. E essa experiência se dá por meio de enredos que, como nas obras de historiadores mais tradicionais, utilizam o discurso da história e, ao mesmo tempo, acrescentam-lhe algo. Ao fazer isso, os diretores tornam o passado significativo, no mínimo de três maneiras diferentes – criam obras que visualizam, contestam e revisam a história” (2015, p. 174).

Portanto a partir dessas considerações entende-se a relevância que os filmes de Stone trazem a discussão historiográfica. “JFK: A pergunta que não que calar” (1991) traz a investigação da morte do ex-presidente John F. Kennedy, com o promotor Jim Garrison (Kevin Costner) descobrindo um grande esquema conspiratório por de trás do assassinato. Do mesmo modo “Nixon” (1995), se faz como um filme biográfico do ex-presidente Richard Nixon, explorando sua vida particular até chegar ao escândalo de Watergate em 1974. “Salvador: O martírio de um povo*”* (1986), trata-se do envolvimento dos Estados Unidos na guerra civil de *El Salvador* no ano de 1980. E “Entre o céu e a terra” (1993), é o terceiro e último filme de Stone que trata da guerra do Vietnã. Essas quatro películas, juntamente com as trabalhadas aqui “Platoon” e “Nascido em 4 de julho” servem como uma espécie de

mapeamento de uma parte do que podemos chamar de história recente dos Estados Unidos.

A contestação a respeito do Vietnã se faz ainda mais contundente por Stone pelo fato do mesmo ter participado da guerra. Rosenstone testifica disso dizendo: “Como um patriótico jovem americano, Stone apresentou-se como voluntário para servir o exército no Vietnã, onde foi ferido duas vezes e recebeu a estrela de Bronze” (2015, p. 176). Isso nos leva a crer que as narrativas de seus filmes fazem alusão direta as suas experiências particulares da guerra.

Em “Platoon”, Chris Taylor (Charlie Sheen) é um jovem patriótico que vê a necessidade de largar a faculdade e servir seu país na guerra, assim como Ron Kovic (Tom Cruise) em “Nascido em 4 de julho” que indo em direção ao conflito abandona uma vida promissora na cidade de Massapequa no estado de Nova Iorque. Tanto em um filme como no outro o sentimento de juventude perdida quando se passa pelo Vietnã fica claro, seja pelo fato de fisicamente não ser mais o mesmo como em Nascido em 4 de julho, mas também pela perda da inocência com os fatos vistos no conflito como em “Platoon”.

Podemos levantar a seguinte indagação: será que Stone mostra suas experiências de guerra através de “Platoon” e “Nascido em 4 de julho”? Aquilo visto nos filmes, de um jovem patriótico se transformar em um ativista contrário ao conflito pode nos levar nessa a crer nisso.

Em uma entrevista ao historiador Mark Carnes relatado em seu livro “Passado Imperfeito”, Stone expõe algo a esse respeito dizendo:

> “Sei o que você vai dizer. Vai dizer que estive no Vietnã, que meus pais são divorciados, que venho de uma família desajustada e que transponho a minha própria visão negra da América para os meus filmes. Bem, acho que é certo dizer isso. É valido que diga isso...” (CARNES, 2008, p. 307)
> .

Ou seja, o próprio Stone encara essa naturalidade em relacionar sua obra as suas experiências, mesmo que nas entrelinhas queira dizer que isso deve ser melhor problematizado.

3. O ambiente do Vietnã e a construção do inimigo

Oliver Stone retrata o ambiente do Vietnã como um lugar inóspito e selvagem, a selva imponente que não se vê muita coisa além de mato, os mosquitos

petulantes e a chuva que nunca para (fazendo-se mais presente sempre que o inimigo se aproxima) criam na mente do telespectador a sensação de como era difícil não só combater o inimigo, mas também conviver com o seu ambiente arrasador. Em uma determinada cena de “Nascido em 4 de julho” o impacto do ambiente também é criado com o uso exagerado do amarelo na tela, juntando com o suor presente no rosto dos soldados cria-se a sensação de que o Vietnã possuía um sol escaldante.

Figura 1 – Chris Taylor (Charlie Sheen) picado pelos mosquitos.



Fonte: “Platoon” (00:8:54,1985).

Figura 2 – O uso do amarelo em Nascido em 4 de julho.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (0034:55, 1989).

Os filmes não mostram o inimigo em uma visão simplista de “vilão” a ser combatido como outros filmes do Vietnã o fazem (cita-se mais uma vez o exemplo de “Bradock” de 1984), porém os constrói de maneira que o telespectador os tema quando esses aparecem em detrimento dos “heróis” do filme, que são os soldados estadunidenses. Em determinada cena de “Platoon”, ao se aproximar o inimigo, fecha-se o closet em cima do personagem principal Chris Taylor (Sheen). O mesmo está suando frio, com uma fumaça saindo no ambiente e o barulho dos batimentos cardíacos de Chris, Stone recria ao telespectador o sentimento de tensão do conflito. Outro fator importante é a tentativa de se mostrar um inimigo que agia sempre no fator surpresa, construindo armadilhas e se escondendo nos bunkers. Desse modo em vários momentos os soldados estadunidenses tinham a estratégia desarticulada e se mostravam desesperançosos.

Figura 3 – A captura da tensão de Sheen com a aproximação do inimigo.



Fonte: “Platoon” (00:20:10,1985).

Os filmes deixam muito claro que a derrota no Vietnã era questão de tempo. Principalmente em “Platoon”, os erros e desentendimentos por parte dos soldados estadunidenses eram incessantes. Vemos o desentendimento que ocorre entre os oficiais, na hierarquia do exército o tenente é tido como uma patente mais alta que sargento, mas no filme ele é visto como alguém fraco e incapaz de comandar, sendo em diversos momentos diminuído por Barnes. Os erros estratégicos se afloram cada vez mais ao ponto de Elias perceber a derrota, ele diz: “Já maltratamos tanto outros povos que agora chegou nossa vez”. O ápice da derrota no filme é no ultimo conflito, onde os vietcongues em avanços estratégicos massacram os soldados estadunidenses, deixado claro que sua vitória na guerra. O filme até mesmo cita os dados do conflito, contabilizando 122 mortos do lado dos Estados Unidos, e 22 do exército vietcongue.[7]

Figura 4 – Sargento Elias (Willem Dafoe) desesperançoso em relação a guerra.

[7] Os dados citados no filme não são aqui confirmados perante a realidade histórica.



Fonte: “Platoon” (01:02:43, 1985).

Figura 5 – Imagem significativa da derrota estadunidense em Platoon.



Fonte: “Platoon” (01:20:36, 1985).

4. O espírito de romantização da guerra e sua desconstrução

Os dois filmes em seu começo mostram a visão romantizada da guerra que se estabelece no imaginário dos cidadãos estadunidenses. Em “Nascido em 4 de julho” temos uma cena onde desfilam soldados que lutaram na primeira e segunda guerra mundial, sob aplausos e alusão ao espírito patriótico, com as crianças e os jovens aprendendo desde sempre a servirem seu país contra um inimigo a ser derrotado. Em “Platoon” temos a figura de um jovem de uma família tradicional que larga a faculdade para servir seu país na guerra, mostrando desse modo que mais urgente era sua ajuda no conflito do que seguir com sua vida cotidiana enquanto outros lutavam em seu lugar.

Figura 6 – Desfile de 4 de julho com os soldados que lutaram na primeira grande guerra.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (00:04:32, 1989).

Essa visão romantizada de servir seu país vai se esfacelando quando os mesmos chegam ao Vietnã e se deparam com as atrocidades cometidas na guerra. “Platoon” nos mostra uma importante cena de massacre dos soldados a um vilarejo quando um membro de sua equipe é brutalmente assassinado por um soldado vietcongue. A repressão é liderada pelo sargento Barnes (Berenger), que é a exemplificação do líder autoritário. O seu contraposto é o sargento Elias (Willem Defoe), que é alguém que tenta agir com mais justiça dentro da guerra, o filme pode

se fazer um tanto quanto maniqueísta nessa parte, mas tenta mostrar o conflito moral e dois modos distintos de ação na guerra. O herói do filme (Sheen) fica cada vez mais horrorizado no desenrolar do conflito, chegando ao ápice na cena de sequência a do vilarejo onde salva duas meninas vietnamitas de serem violentadas sexualmente pelos soldados estadunidenses. O filme também aborda uma importante questão, que é a de mostrar que muitos soldados viam a guerra como uma libertação da moralidade, ou seja, aquilo que não podiam fazer em casa agora não tinha proibição. Estuprar, torturar e matar se fazia corriqueiro, isso também ocorria porque não se via valor na vida do vietnamita, ou seja, a desumanização do outro.[8]

Figura 7 – Soldado estadunidense morto pelos vietnamitas.



Fonte: “Platoon” (00:44:38, 1985).

Figura 8 – Massacre do vilarejo comandado pelo sargento Barnes (Tom Berenger).

[8] Como podemos observar na cena já descrita em que o personagem de Charlie Sheen salva as duas garotas vietnamitas do estupro. Um dos soldados diz: “Mas elas são vietnamitas”, justificando assim sua ação.



Fonte: “Platoon” (00:53:40, 1985).

Figura 9 – Taylor salva duas vietnamitas.



Fonte: “Platoon”, (00:57:43, 1985).

Em “Nascido em 4 de julho” essa destruição da romantização da guerra rumo a uma crítica da mesma também é o tema central do filme. Na parte em que o filme mostra Kovic (Cruise) no Vietnã, vemos a cena em que os soldados acabam

atingindo pessoas civis achando que era o inimigo vietcongue. Na sequência da cena vemos que um dos atingidos era um bebê recém-nascido, o que deixa o soldado em choque. Logo após essa cena vem outra onde mostra o soldado atingindo e matando seu próprio companheiro ao confundi-lo com um inimigo, a culpa atormenta-o o filme todo. Esses acontecimentos entram em conflito com sua visão anterior a guerra, afinal assassinar crianças não fazia parte dos planos contra o comunismo.

Figura 10 – Massacre de civis em Nascido em 4 de julho.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (00:32:50, 1989).

Figura 11 – Kovic (Tom Cruise) atingindo seu próprio companheiro.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (00:33:45, 1989).

Em outra cena, Kovic é ferido no conflito, onde acaba tomando um tiro que o deixa sem o movimento das pernas para o resto da vida. Na sequência os médicos atendem os feridos desse conflito, o filme mostra aqui a banalidade da morte na guerra, porque em meio aos feridos eles conversam sobre o resultado de uma partida de esporte.

Logo após o Vietnã o personagem se encontra no hospital para veteranos da guerra, Stone usa aqui o ambiente para tecer importantes críticas. O hospital se encontra extremamente precário, com ratos presentes, sem equipamentos hospitalares decentes e médicos negligentes. A crítica de Stone então se mostra e conclui-se que os veteranos da guerra não tinham valor algum ao Estado, onde o mesmo não destinava verbas o suficiente para o tratamento das graves sequelas deixadas pela guerra.

Figura 12 – O hospital de veteranos em condições deploráveis.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (00:47:25, 1989).

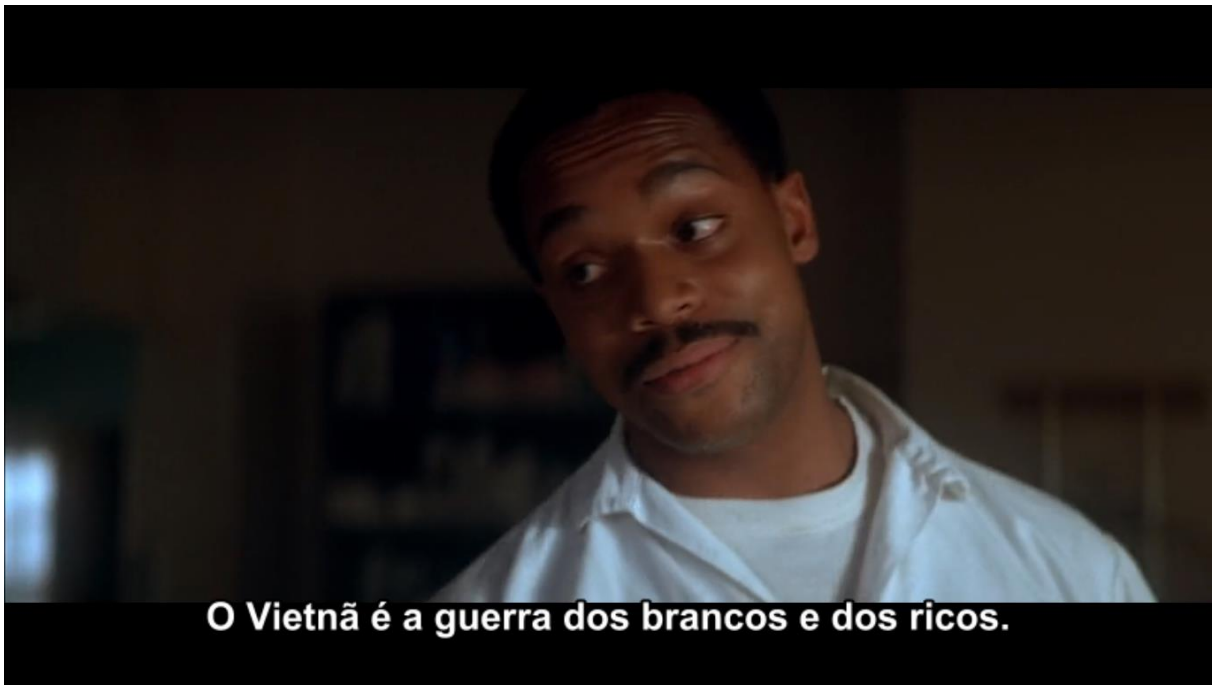
É interessante notar que mesmo com as atrocidades vistas na guerra e com o péssimo tratamento obtido no hospital Kovic permanece patriota, citando duas vezes a frase “ame ou deixo-o”, referindo-se aos ativistas contrários à guerra. O jovem Kovic então mostra todo o seu forte espírito patriótico, mostrando que o processo de desconstrução desse pensamento é difícil de ser obtido. É depois que Kovic retorna a sua casa que começa a desconstrução desse ideal. O que colabora nessa transformação é o fato dele se deparar com pessoas próximas que se posicionavam contrários a guerra, seu irmão, um amigo que também combateu na guerra e principalmente a personagem Donna (Kyra Sedgwick) que era sua relação amorosa desde a infância. A partir desse momento então Kovic contesta todos os seus valores, tanto o espírito patriótico quanto os fortes ideais do catolicismo herdados de seus pais.

O fator racial e de classe também se faz presente nos filmes. Em “Platoon” o personagem Chris questiona: “porque os pobres lutam enquanto os ricos ficam em casa?”. Robert Rosenstone diz assim sobre essa questão no filme:

> No Vietnã, o conflito se dá entre aqueles que bebem ao som de música country e western e aqueles que fumam maconha e ouvem rock psicodélico, sendo que esses últimos – em um reflexo das guerras culturais nos EUA – incluem os negros e os soldados mais solidários (2015, p. 178).

Em “Nascido em 4 de julho” um dos enfermeiros que trabalha no hospital de veteranos e que é negro diz: “Vietnã é a guerra dos ricos e dos brancos”, criticando aqueles que não lutam a guerra, mas que a criam. Stone então deixa claro o posicionamento de que eram em sua maioria pobres e negros aqueles que sacrificaram suas vidas no combate do Vietnã.

Figura 13 – Enfermeiro contestando o conflito no Vietnã.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (00:50:39, 1989).

Os dois filmes fazem questão de mostrar o uso abusivo de drogas por parte dos soldados estadunidenses quando estavam no conflito[9]. Em “Platoon” se mostra o uso de maconha por parte de alguns soldados, ao som da música psicodélica como já citado por Rosenstone, os mesmos viam na substância o meio de escapar daquela terrível e cruel guerra. Exemplificando o sentimento na fala de Elias direcionada a Chris após o trago da maconha: “você está legal? Estar legal é o suficiente!”. Em “Nascido em 4 de julho” as drogas se mostram no ambiente de Vila Dulce (México), lugar em que Kovic vai após a desilusão com os seus valores anteriores, e que serve de transição para a reestruturação do personagem até se tornar o importante ativista contrário a guerra. Lá o ambiente está tomado de

[9] O filme “Apocalypse Now” de 1979 do diretor Francis Ford Coppola também mostra o abuso de drogas por parte dos soldados estadunidenses enquanto estavam no Vietnã.

veteranos, onde muitos também se encontram em cadeira de rodas como ele, portanto o uso excessivo de drogas e a “diversão” com as prostitutas fazem-se de maneira hedonista como o único modo de se continuar a vida após a invalidez e os traumas que a guerra os trouxe.

Figura 14 – O uso de maconha por Taylor.



Fonte: “Platoon” (00:32:11, 1985).

É no final das películas que ocorre a transição definitiva dos personagens para um tom mais crítico da guerra. Em “Platoon” isso se dá de forma mais discreta, após Chris ser ferido duas vezes sendo então liberado da guerra, ele diz: “Não lutamos contra um inimigo, lutamos contra nós mesmos, e o inimigo estava em nós”, com o branco iluminando toda a tela, o filme da mostra a transcendência do jovem personagem que agora também era um veterano de guerra.

O processo de transição em “Nascido em 4 de julho” se faz presente também na sociedade estadunidense. No começo do filme o desfile de 4 de julho é feito com louvores aos soldados que lutaram na segunda guerra mundial, e depois o mesmo desfile com veteranos do Vietnã é altamente questionado por protestantes, mostrando a mudança da sociedade influenciada pelos questionamentos da

contracultura[10]. O protesto que se mostra com a repressão da polícia, e o discurso de Kovic em uma programação do então presidente Nixon mostra a transformação do personagem em um grande ativista, não sendo possível mais reconhecer o espírito patriótico nele. Nesse momento do filme o discurso de Nixon entra em choque com aquilo que vimos no filme, ele prega o respeito aos veteranos da guerra, mas vimos principalmente por meio do hospital em condições precárias que esse respeito não ocorre.

Figura 15 – Protesto contra a guerra.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (01:26:09, 1989).

Figura 16 – Kovic já como ativista.

[10] Movimento que teve seu auge na década de 1960, onde jovens foram de encontros aos valores morais mais “conservadores” da época, seja na consciência, comportamento e até mesmo nas vestimentas. O papel intervencionista dos Estados Unidos na guerra então também foi alvo das contestações da contracultura.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (02:06:43, 1989).

Outra importante cena se segue no final do filme, e que por meio das entrelinhas mostra uma importante crítica de Stone. Kovic buscava a compreensão e o perdão dos pais de seu companheiro assassinado por ele na guerra de forma enganosa. No desenrolar da cena o pai conta que ele também lutou na segunda guerra mundial, a semelhança de seu pai (avô do companheiro de Kovic) que lutou na primeira grande guerra, em seguida ele diz: “os homens dessa família já lutaram guerras demais”. Em seguida a câmera foca em um menininho, filho do companheiro morto por Kovic, e o mesmo segura uma arma de brinquedo nas mãos, trazendo a tona mais uma vez a visão romantizada da guerra e da necessidade do espírito patriótico. Podemos fazer ainda uma alusão ao começo do filme, onde Kovic e seus amigos quando crianças brincavam com armas no espírito vencedor dos estadunidenses. Compreendemos então a crítica de Stone, de que as lutas travadas pelos Estados Unidos ao longo do século XX se tornaram uma espécie de ciclo, e que os jovens sempre tinham de batalhar na guerra criada por outros, mas até quando?

Figura 17 – O garotinho mostrando o ciclo de guerras do povo estadunidense.



Fonte: “Nascido em 4 de julho” (02:01:11, 1989).

Considerações finais

Ana Paula Spini em seu artigo Memória cinematográfica do Vietnã afirma o seguinte sobre a guerra:

> O mito da guerra na sociedade norte-americana é investido de poesia e religiosidade, em que passado e presente se fundem na imagem de homens honrados, corajosos e fiéis unidos na defesa da liberdade e da democracia. A guerra pressupõe dor, sofrimento e perda, que uma vez inseridos na narração mítica da nação, ao contrário de torná-la insuportável, torna-a ainda mais poética e sagrada. A iminência da perda da vida humana confere aos que vão à guerra uma aura religiosa. Vão em nome da lealdade, da fé, da crença (SPINI, 2006, p. 01).

Nesse sentido ela mostra que mesmo os filmes tendo caráter questionador a guerra, trazem os heróis de guerra como representantes do poder intervencionista dos Estados Unidos. A aura religiosa que ela menciona é possível de ser visto em "Platoon" através de Chris, onde o mesmo representa bons valores da sociedade estadunidense, e mesmo estando na guerra tenta agir com as melhores escolhas.

O livro "El discurso em el cine de Hollywood", organizado pelo historiador argentino Fábio Nigra também destina um capítulo problematizando essa questão. Entende-se que existem três divisões nos filmes do Vietnã: 1) Aqueles que funcionam como propaganda e sustentam as bondades do sistema. 2) Os que retratam certos aspectos da guerra, mas ainda finalizam de maneira consensual ao não abordar aspectos estruturais do sistema e se fazem em uma simples denúncia do sistema. 3) As produções que levam sua crítica mais adiante, mas em última instância caem no consenso. Perante essas observações "Platoon" se encaixaria na segunda e "Nascido em 4 de julho" na terceira.

Realmente "Platoon" falta com aspectos mais críticos ao sistema político dos Estados e acaba mostrando mais elementos críticos em relação a guerra, Rosenstone também faz essa crítica dizendo:

> "Platoon", como muitos críticos indicaram, é um filme que, na sua superfície, omite qualquer contexto histórico, político o militar. O que vemos é a iniciação de um jovem voluntário, Chris Taylor, na batalha por meio de experiências e debates que, em sua maioria, poderiam ter acontecido em praticamente qualquer guerra (ROSENSTONE, 2015, p. 177).

Mas mesmo assim ele ressalta a importância do filme dizendo: "(...)o filme ainda assim levanta questões por causa de sua inevitável inserção no debate sobre o envolvimento americano no Vietnã" (2015, pp. 177-178). Essas questões históricas referidas por ele é que foram aqui abordadas.

A respeito da história de Kovic, Rosenstone diz:

> Qualquer pessoa que viveu a década de 1960 em um campus fica chocada ao reconhecer as manifestações antibélicas em “Nascido em 4 de julho” (1989), o filme de Oliver Stone baseado na vida de Ron Kovic, veterano do Vietnã. Uma sensação de que você estava presente exatamente naquela cena; viu aqueles mesmos estudantes nos degraus do saguão de uma universidade, com seus cabelos longos ou penteados afro, barbas, jeans e bandanas; testemunhou aqueles mesmos gestos, os braços levantados e os punhos cerrados; ouviu exatamente aqueles discursos pronunciados por negros e brancos, a guerra sendo denunciada, as palavras Nixon, em greve, vamos fechar e em frente sendo gritadas (ROSENSTONE, 2015, p. 165).

Portanto “Platoon” e “Nascido em 4 de julho”, mesmo ressaltando um espírito heroico do povo estadunidense por meio de seus protagonistas, e cometendo algumas omissões críticas em suas abordagens da política dos Estados Unidos, trazem elementos caros ao historiador e se encaixam como filmes históricos que também defendem uma verdade sobre o passado do Vietnã. Outra consideração a se fazer foi a respeito da questão cineasta/historiador e como Stone recria uma história, seja ela fundamentada ou não sobre um período dos Estados Unidos da América.

Referências

CARNES, Mark C.. Uma conversa entre Mark Carnes e Oliver Stone. In: Passado imperfeito: a história no cinema/ organização Mark C. Carnes; tradução José Guilherme Correa. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
_____. O filme: uma contra-análise da sociedade. In: LE GOFF, Jacques;

NORA, Pierre (orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 199-215.

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Cinema e historiografia: trajetória de um objeto historiográfico (1971-2010). Rev. História da historiografia, n.8, Ouro Preto, págs. 151-173, 2012.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992.

MELO, Marcos Costa. Construindo loucuras: cinema e guerra do Vietnã. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Cantarina, Florianópolis, 2011.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma "história visual". Rev. Brasileira de História, v.23, n.45, São Paulo, ANPUH, pp. 11-36, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

NIGRA, Fábio. El discurso histórico em el cine de Hollywood. Buenos Aires: Imago Mundi, 2014.

ROSENSTONE, Robert. A história nos filmes, os filmes na história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SORLIN, Pierre. Cines europeos, culturas europeas. Barcelona: Paidós, 1996.

SPINI, Ana Paula. Memória cinematográfica da guerra do Vietnã. Rev. Anais eletrônicos do VII Encontro internacional da ANPHLAC, Campinas, 2006.

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terre, 2005.

Fontes

NASCIDO em 4 de julho. Direção: Oliver Stone. Produção: Oliver Stone, 1989. (145 min.), son., color.

PLATOON. Direção: Oliver Stone. Produção: Arnold Kopelson. Metro Golden Mayer, 1985. 1 DVD (120 min.), son., color.